

### **A cidade muçulmana em narrativas de viagem no século XIX: de sobrevivência arcaica a desejada relíquia.**

Vera Chacham

Na narrativa que fez de sua viagem ao Egito em 1869, Eça de Queiroz sugeria alguns dos motivos para o fascínio do “ocidental mesquinho” pela cidade do Cairo. Ao apontar o caráter frio, desencantado, desumano e sem poesia da cidade europeia de sua época, sobretudo daquelas reformadas nos moldes de Haussmann, ele percebia uma humanidade que havia se tornado previsível e policiada.<sup>1</sup>

A *hausmanização* também será também uma referência recorrente em narrativas de outros viajantes, mas não mais como algo distante, *ocidental*, já que está presente na transformação do Cairo a partir da década de 1860, tornando-se mais perceptível nas duas décadas que se seguirão. São do fim da década de 1870 e princípio da década de 1880 as publicações de dois viajantes que buscam apontar, de um lado, os limites e superficialidade da ocidentalização e, de outro, os danos desta sobretudo no Cairo. Victor Fournel publicou, em 1883, *Aux pays du soleil*, uma narrativa da viagem que fez para a Espanha, Itália, Alexandria e Cairo, sendo que a parte relativa ao Egito foi publicada novamente, em separado, em 1897, como *D’Alexandrie au Caire*. Fournel foi um dos muitos jornalistas e escritores que haviam estado no Egito por ocasião da inauguração do Canal de Suez. Sua especialidade era a descrição de cidades, sobretudo da sua face antiga, do que está em vias de desaparecimento. Fournel é um *flâneur* quase profissional, que dedicou pelo menos três livros às transformações de Paris e ao registro do que restava da antiga cidade. Contudo, no que se refere ao Oriente, ele não parece acreditar em uma transformação mais definitiva ou profunda quer seja da paisagem quer seja dos costumes urbanos orientais. Nas narrativas de Arthur Rhoné, outro *viajante-flâneur*, podemos encontrar um paralelo mais explícito entre as transformações de

---

<sup>1</sup> Sobre a viagem de Eça ver: CHACHAM, Vera. Eça no Egito: encanto e desencanto na cidade oriental. In: *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. FALE/UFMG, Vol.19. n.25. jul/dez 1999. p. 121-152.

Paris e as do Cairo, visto que o autor era engajado na defesa do patrimônio urbano em ambas as cidades. Dois de seus livros dedicaram-se especificamente ao que “restava” da antiga cidade oriental, “fixando seus traços” justamente no momento em que o modelo da cidade européia começava a dominar a cena. Em 1877 escreve *L’Egypte a petites journées*, a partir do material reunido entre 1865 e anos seguintes, ou seja, durante o reino de Ismaïl, o reformador do Cairo. A atividade polemista prossegue em artigos da *Gazette des Belles Arts* e culmina na publicação, em 1882, de *Coup d’oeil du Caire ancien et moderne*. Atendo-se mais aos monumentos que aos costumes, Rhoné dedica-se, em posteriores artigos na *Gazette*, à polêmica sobre a destruição dos monumentos em Paris e à homogeneização das cidades do mundo.

Embora já na época da visita de Eça o Cairo estivesse em transformação, a haussmanização ainda era uma fato basicamente ocidental e, pelo menos para o escritor, a cidade, mesmo que multifacetada, era ainda “única”, plenamente incorporável a uma imagem prévia e “autêntica” do Oriente. A partir da década de 1870, os viajantes, sobretudo os que se enquadravam na denominação “amigos do antigo”,<sup>2</sup> irão distinguir duas cidades dentro do Cairo, uma divisão passava pela oposição entre o Cairo autêntico e o moderno.

A reforma urbana do Cairo toma parte de uma série de episódios visando a “modernização” do Egito ao longo do século XIX, em grande parte um “processo” de vinculação ao Ocidente. É preciso dizer, contudo, que o esforço de “modernização” do Egito parece surgir das suas próprias elites, no processo de ruptura com o Império Otomano. Desde Muhammad Ali (1805-1848), que deu o primeiro passo nesse sentido, são tomadas várias medidas com o objetivo de tornar o Egito capaz de fazer frente, a um só tempo, ao Império Otomano e às potências ocidentais, através da introdução, inclusive, de algumas técnicas e instituições ocidentais. Inicialmente, o interesse das elites se dirigia sobretudo aos grandes projetos

---

<sup>2</sup> Cf. EBERS. Georges. *L’Egypte. Du Caire a Philae*. Traduction de Gaston Maspero, professeur au Collège de France. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie., 1881. p.33.

nacionais no domínio da irrigação, dos canais, das barragens. A cidade do Cairo em si não estava entre seus interesses e Paris em si nada representava.

Contudo, já na década de 1830, sob a pluma de um participante de uma missão egípcia na França, Paris é vista como um reflexo da civilização ocidental, à qual se pode opor a “rudeza e a selvageria” do Cairo: “Il est evident que la ville témoigne d’un degré de civilisation égal à ses lumières”, escreve Riffaat.<sup>3</sup> Paris e sua arquitetura são aos seus olhos o sumo do refinamento, surgindo claramente como um modelo a ser seguido, sobretudo no que diz respeito às questões de higiene. Mas somente trinta anos depois a fascinação é crítica são colocadas em prática. A influência do Ocidente foi determinante a partir da década de 1860, especialmente no reino de Ismail Pacha (1863-1879), cujo projeto de modernizar o Cairo era marcado pelo sonho de construir a “Paris do Oriente”. O resultado parece ter sido menos uma assimilação cultural do que uma imitação servil do modelo francês. Após a abertura de uma série de novas ruas inspiradas na Rua de Rivoli, em Paris, ligando a região de El Ezbekieh à estação, depois à “Citatelle”, e de longas avenidas retilíneas, tais como a “Rua das Pirâmides” e a “Rua do Nilo”, da construção de uma via férrea, “quarteirões inteiros foram derrubados para dar lugar a novos bairros novos e mais bonitos, segundo o ponto de vista do Europeu moderno”.<sup>4</sup> O projeto atinge seu ápice com a destruição das casas que circundavam o lago de El Ezbelieh (admiradas tanto por caiotas como por viajantes estrangeiros), com o argumento de que as águas paradas representavam um perigo para a higiene pública.

Os significados atribuídos às sucessivas reformas urbanas no Cairo por viajantes franceses atestam, ao contrário, certo descenso na crença no progresso tão desejado. De um lado, aponta-se algumas das limitações e contradições do processo imitativo da civilização ocidental e, de outro, alguns dos limites da própria civilização e as implicações negativas do

---

<sup>3</sup> Apud. ZAKARYA, Mona. L’inscription du discours occidental dans l’architecture et l’urbanisme orientaux. Mona. In: BURGAT, Marie-Claude (éd.). *D’un Orient l’autre*. Paris: CNRS, 1991. 2v. v.2, p.561.

<sup>4</sup> EBERS. *L’Egypte*. Du Caire a Philae, p.33.

“processo” para o próprio ocidente. De um lado, o Oriente é visto como “incapaz” de modernizar-se, ocidentalizar-se verdadeiramente. De outro, é vítima de uma modernização que sufoca a sua originalidade cultural.

A haussmanização, assim como a própria cidade reformada, ocidentalizada, é vista por vezes como um “verniz da civilização”, algo que não atinge as camadas mais profundas quer seja da cidade, quer seja da vida dos seus habitantes. Victor Fournel via assim as reformas.<sup>5</sup> Quando chega ao hotel “d’Orient”, no centro do “quartier franc”, o viajante percebe que “L’hôtel a une grande cour, arrangée à peu près comme un patio espagnol”. Ali, diz, “on me donne une chambre meublée à l’européenne” e “je pourrais me croire à l’hôtel du Louvre” exceto por dois detalhes: “la chambre n’a pas de cheminée, car la cheminée est inconnue en Egypte, et le lit est hermétiquement enveloppé dans un moustiquaire de mousseline transparente, où il faut s’insinuer avec les précautions les plus minutieuses, si l’on n’y veut être suivi par l’insecte féroce qui est la plaie des pays du soleil” (p.42). Fournel percebe, assim, na recorrente visão das formas ocidentais uma superfície tênue logo desfeita pela renitente natureza oriental. Trata-se de um argumento inicial do autor para demonstrar que a semelhança pretendida com o ocidente é superficial, que “malgré des embellissements désastreux, malgré les tentatives de tous les pachas et spécialement du khédivé Ismaïl pour y faire pénétrer la civilisation européenne”, a capital do Egito permaneceu, ao contrário de Constantinopla, “la ville orientale par excellence” (p.43). A confirmação dessa permanência se dá por uma série de *topoi*, como o do estranhamento (“Au Caire, on se sent tout à fait dans un autre monde”) que ainda existe e deve se manter ainda por muito tempo graças a outro *topos*, o da imutabilidade do Oriente.

Em parte, também, a cidade continuava a refletir, para Fournel, a imagem que dela fizeram os pintores orientalistas: “Du matin au soir, je me promène à travers un conte des Mille

---

<sup>5</sup> Cf. FOURNEL. Victor. pseud. Bernadille, E. Guérard). *D’Alexandrie au Caire*. Tours: Alfred Mame et fils, 1897. 143 p. As páginas das demais citações dessa obra estarão indicadas, no texto, entre parênteses.

et une Nuits, je m'enivre de pittoresque, je me donne des débauches de Marilhat, de Ziem et de Decamps” (p.65). Como em Eça, como em Nerval, o *topos* do indescritível também reafirma a permanência da paisagem oriental.

Escrevendo pouco antes de Fournel, Arthur Rhoné vê o Cairo de forma menos “otimista”, no sentido de que a cidade antiga já se transforma para ele em ruína. Não a ruína modelada pelo tempo mas, de forma semelhante a uma antiga categorização de Chateaubriand, uma ruína fabricada pelos homens, voluntariamente.

Rhoné havia conhecido o Cairo em 1864, quando a cidade era ainda o oposto de Paris: nenhuma casa com cinco andares, nenhuma calçada, nenhuma iluminação pública, nada daquilo que, ao tempo das *Cartas Persas* de Mostesquieu, um oriental deveria ambicionar, tudo aquilo que o ocidental considerava como próprio de uma cidade, sinal de progresso, felicidade. Em *L'Égypte a petites journées*, escrito em 1877, Rhoné concluía que, até 1864, não apenas o Cairo estava ainda “dans toute sa splendeur arabe et musulmane” mas, sobretudo, o tempo longo, secular, era ainda o senhor da decadência oriental: “Au pied d'innombrables mosquées de tous les âges, dont quelques-unes mouraient pacifiquement entourées d'un saint respect, couraient des rues sinueuses et abritées, animées par une foule joyeuse et bariolée.”<sup>6</sup>

Em *Coup d'oeil sur l'état du Caire ancien et moderne*, escrito em 1882, Rhoné volta à mesma imagem e argumento: de que, no começo do reino de Ismaïl, a cidade do Cairo estava ainda intacta, “car si ses monuments et ses rues continuaient paisiblement de tomber en ruine selon la coutume séculaire de l'Orient, du moins on n'y avait rien tenté comme travaux, dits d'embellissement et de restauration.”<sup>7</sup>

Em que pese o *topos* recorrente em relação ao Oriente, isto é, da ruína e do abandono como um verdadeiro “costume”, sua decadência secular não é mais vista tão negativamente,

---

<sup>6</sup> RHONÉ. Arthur. [Membre honoraire de l'Institut égyptien. Correspondant du comité de conservation des monuments de l'art arabe.] *L'Égypte a petites journées*. Le Caire d'autrefois. Nouvelle édition. Ornée de dessins inédits par Paul Chardin, C. Mauss, <sup>a</sup> Dauzats, <sup>a</sup> Baudry, J. Bourgoïn, etc. Paris: Societe generale d'éditions/ Henri Jouve éditeur, 1910, p.2.

<sup>7</sup> RHONÉ. *Coup d'oeil sur l'état du Caire ancien et moderne*, p. 1.

tendo se transformado em uma quase natureza. Daí a morte pacífica, tranqüila e sagrada dos monumentos e das mesquitas. Apesar de certa ironia, tudo naquela antiga cidade “combinava” ainda entre si, compondo uma paisagem harmônica, na qual estavam incluídos os homens. Tratava-se claramente uma visão pictórica da cena urbana, onde os funcionários e os comerciantes, “qui rougiraient aujourd’hui de se montrer autrement qu’en costume européen”, ainda se abandonavam displicentemente em seus longos “caftans soyeux”, cujos reflexos cintilantes integravam-se à harmonia geral: uma seqüência ininterrupta de *mouchàrabys* que iam se aprofundando na perspectiva das ruas até que pudesse ser visto ao longe um elegante minarete. A referência pictórica da descrição urbana expressa a harmonia das cores e formas, que se encerrará, para o autor, com o que se definia como alinhamento urbano: alargamento de ruas, supressão dos muxarabis, destruição de impasses, etc.

O Oriente, desde Montesquieu, possuía, do ponto de vista ocidental, um ritmo lento; em Volney a decadência oriental toma a forma das ruínas. Em Nerval, em Eça e agora Rhoné a estagnação e o imobilismo transformam-se parcialmente em harmonia das formas, do homem com seu habitat, da nação com sua história, do passado com o presente. Salvar o velho Oriente ou, em todo caso, sua capacidade de evocar o passado aparece aqui sob a perspectiva de um viajante preocupado fundamentalmente com a preservação de um patrimônio histórico e artístico. Contudo, os monumentos, as paisagens, as sensações e os homens se confundem no Oriente. Por isso, não se trata somente de salvar ruas, casas e mesquitas, mas, em certo sentido, uma civilização. Nesse sendo, o argumento preservacionista de Arthur Rhoné não se detém nas formas da arquitetura mas inclui os hábitos e mesmo instituições, como por exemplo a escravidão. É o que expressa a decepção de Rhoné perante a aparente inexistência do mercado de escravos: “Nous arrivons trop tard pour connaître les mystères de cette cour, car les marchés publics d’esclaves sont supprimés depuis Méhémet-Ali (...)”.<sup>8</sup> A razão para o fim do

---

<sup>8</sup> Rhoné. *L’Égypte à petites journées*, p.268.

mercado público de escravos deixa o autor ainda mais indignado, porque trata-se de uma concessão que uma cultura faz a outra:

Quand l'Orient s'aperçut que la vieille dame qu'on appelle l'influence européenne commençait à le regarder de travers en détournant ses yeux pudibonds, il se mit à rougir de ses *almées*, de ses cantons vagabonds et de ses marchés d'esclaves, comme il rougit encore, et *cette fois bien à tort*, de ses ruelles pittoresques.<sup>9</sup>

A conclusão, que procura inicialmente ser “politicamente correta” (ainda que ao estilo do século XIX: “Evidemment l'Egypte a bien agi *en éloignant de la vue cette mise em scène affligeante*”), acaba reiterando a prioridade, acima de tudo, da originalidade, da autenticidade, quando diz que o país fez bem em não abolir o princípio da escravidão, “qui en Orient ne ressemble en rien à ce qu'il était en Amérique”.<sup>10</sup>

É preciso dizer que trata-se para o autor, acima de tudo, da necessidade urgente de preservação das diferenças em um mundo onde há cada vez menos exotismo. O que indigna de fato o viajante é a perda da originalidade, e o principal motivo da defesa por vezes intransigente desta última encontra-se no receio de uma homogeneização mundial do espaço, que aparece de forma recorrente nos escritos de Rhoné.

Antes de mais nada, trata-se de uma homogeneização interna, vivida pela Paris reformada. Rhoné desenvolve, nesse sentido, uma preocupação já presente na França desde Victor Hugo, a partir da década de 1820. Mais de cinquenta anos depois da *Guerre aux demolisseurs*, havia acontecido o que parecia inimaginável para o escritor:

Désormais, où qu'il dirige ses pas, l'habitant de Paris est pris et entraîné dans un réseau de rues démesurément longues, larges et droites dont l'effet, très utile, n'en a pas moins pour résultat de répandre partout l'implacable monotonie des villes d'Amérique les mieux réputées pour l'ennui.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Ibidem, p.268.

<sup>10</sup> Ibidem, p.268.

<sup>11</sup> RHONÉ, Arthur. Le vandalisme à Paris. *La Chronique des arts et de la curiosité. Supplément a la Gazette des beaux-arts*, p.36, 31 de janeiro de 1885.

De forma semelhante a Eça de Queiroz, há em Rhoné uma rejeição da cidade moderna ocidental. Com efeito, o parâmetro das cidades americanas era de fato inquietante para o europeu. Elas não possuíam nenhum dos dois componentes da identidade urbana européia: nem monumentos, nem “limites”. A América era o novo padrão e o contraste que possibilitava identificar, em sua diferença, Europa e Oriente. As cidades européias seriam apenas as primeiras de uma longa lista de cidades que perderiam seu vínculo com o passado.

Esta tentativa de tornar “uniformes et pareilles à New-York” cidades como Paris, Rome, Alger, Constantinople, Jerusalem e o Cairo” já é palpável, para Rhoné, nesta última cidade, que quase mais nada possuía do horizonte que, em 1869, podia ainda encantar Théophile Gautier: as antigas casas com muxarabis, e as árvores enormes entre as quais podia-se reconhecer “ceux qui avaient posé pour Marillat, agrandis encore par le temps écoulé, et garnissant le milieu de la place avec leurs dômes de feuillage d’un vert si intense qu’il paraissait presque noir”.<sup>12</sup> O autor cita Gautier, que antes citou Marillat: uma memória literária e artística, mais do que vivida. Uma memória da imagem ocidental do Oriente.

Nesse mundo que caminhava para a homogeneização onde encontrar refúgio? Ao passo que a americanização das cidades expande-se, coloca em risco a possibilidade de evasão.<sup>13</sup> É certo que não é só isso que move o viajante em questão na sua defesa da autêntica cidade oriental, pois, desde Victor Hugo, se desenvolvia na França uma verdadeira sensibilidade estética e histórica voltada para o passado urbano. Contudo, para além do olhar artístico, surge a necessidade de preservação de uma alteridade oriental. É preciso haver algo como um museu para preservar as sensações.

---

<sup>12</sup> Théophile GAUTIER, *L'Orient*, II, p.191. Citado por RHONÉ, Arthur [attaché à la mission archéologique de France au Caire]. *Coup d'oeil sur l'état du Caire ancien et moderne*. Illustrations de MM. Paul Chardin, C. Mauss, J. Bourgoïn, etc. Paris: Imprimerie de <sup>a</sup> Quantin, 1882. 48 p, p.18.

<sup>13</sup> RHONÉ, Arthur, Le vandalisme à Paris. *La Chronique des arts et de la curiosité*, p.36.